

P28: Arte fora dos muros

inShare0

15 de Agosto, 2011 por Telma Miguel



A Associação P28 saiu do Júlio de Matos para pôr artistas consagrados onde ninguém os espera: em contentores e ao ar livre. São uma PME que não pede subsídios e quer deixar marcas.

Afinal, o Bruce Nauman esteve ou não esteve em Lisboa? Ainda hoje, mais de um ano depois, na esplanada Versalhes, dentro do parque do Hospital Júlio de Matos, Sandro Resende ri: «Eu não preciso de ver o papa para acreditar que ele existe». E acrescenta: «Isso é top secret e só a Luísa Cunha, com quem ele fez a performance, pode dizer. Mas na verdade é irrelevante saber-se».

Mas foi este buzz à volta da chegada do mítico norte-americano a Lisboa, no final de Junho do ano passado (chegou a dizer-se que viria numa 'manga', como um papa, do aeroporto até ao espaço da instalação), que lançou a P28 para fora do Júlio de Matos, o hospital ao qual a associação estava intimamente ligada.

Ainda hoje, o escritório da P28 é no velho hospital psiquiátrico, contíguo à sala de pintura onde Sandro Resende, o director da P28, dá aulas a doentes, juntamente com outros artistas convidados, como Julião Sarmiento ou Pedro Cabrita Reis. No corredor onde estão expostas as telas dos alunos (que estão à venda) impõe-se Premonição da Guerra Civil, de Dalí, feita com perícia de quase falsário.

Sandro Resende, formado em Belas-Artes, começou por dar aulas aos doentes, tentando ultrapassar o estigma da doença: «Percebi que os artistas doentes tinham muito potencial para vir cá para fora». Não literalmente, mas podiam trabalhar com os artistas plásticos que circulam nos museus. No enorme Pavilhão 28 – agora desactivado para acolher os inimputáveis do Hospital Psiquiátrico Miguel Bombarda – foram feitas mais de 30 exposições. As exposições, onde se exibiam os artistas sonantes, mais os artistas residentes da instituição psiquiátrica, tiveram destaque na imprensa e visitadas pelo público habituado aos museus.

A arte em ambulatório

Com o nome P28 oficializado, Sandro aumentou e profissionalizou a equipa para criar uma associação que levasse agora a arte para fora de muros (e não

confundir com street art), incluindo os muros dos museus. A ideia é pôr os artistas que já circulam nas galerias em sítios em que o público choque acidentalmente com eles. «E não é por termos o dever cívico de informar o povo», ironiza Sandro Resende.

A primeira saída da P28 da Avenida do Brasil foi para o Centro Comercial Alegro, em Alfragide, onde foi montado um cubo branco (recriação simbólica de uma sala clássica de exposições). «Era giro ver pessoas com carrinhos de compras atulhados a ver peças da Luísa Cunha, que é uma artista que expõe em Serralves».

Na fase de novas fronteiras, a associação – que incluía desde o início José Azevedo, responsável pelo registo fotográfico e arquivo – contratou um profissional de comunicação, Bruno Malveira, e uma pequena equipa de designers.

E, também no ano passado, a P28 lançou-se no projecto Contentores, sob a pala branca de Alcântara, junto ao rio. Foram sete exposições consecutivas, em que os artistas foram convidados a fazer o que quisessem dentro de contentores de carga – «que são peças escultóricas muito fortes e arquitectonicamente muito bonitas, com capacidade para suportar diversas intervenções», define Sandro. No período de seis meses houve intervenções de Luísa Cunha e Bruce Nauman, Fernando Ribeiro, da equipa de designers R2, Pedro Cabrita Reis e de Susanne Thémnitz e José Pedro Croft. Não são nomes de vão de escada.

A filosofia deste projecto, explica Sandro, é «proporcionar encontros espontâneos com o público numa produção de excelência». E a baixo custo. «Muitos artistas não cobraram cachet, trabalharam pelo gozo de usar os contentores. Pagámos só os custos de produção».

Bom sem ser caro

«Trabalhamos sem qualquer apoio do Estado, recorrendo exclusivamente a fund raising junto de várias entidades», explica Bruno Malveira, responsável pela comunicação. Começou por ser um modo de actuar e agora parece ser o único futuro possível, num ambiente em que subsídios do Estado para promoção da arte se encolhem. «Candidatámo-nos ao apoio da Direcção-Geral das Artes, precisamente com a exposição do Pedro Cabrita Reis no Pavilhão 28, e fomos chumbados por o nosso contabilista não ter currículo». E a P28 é, provavelmente, uma das poucas associações dedicadas à promoção da arte contemporânea que trabalha num formato de empresa, sem subsidio-dependência e sem cobrar bilhetes aos espectadores.

Como? Criam projectos e pagam ordenados a uma equipa pequena e habituada ao multitasking (que tanto contacta artistas, dá aulas, como pinta as paredes) graças a patrocínios de empresas. Tiveram apoio logístico da Optimus, o Porto de Lisboa e a Câmara emprestaram o espaço de logradouro para estacionar os contentores e tiveram também o apoio do Grupo EDT, da Lisconte e até de uma cadeia de cosmética. «Enquanto a multidão de umas mil pessoas se juntava para ver se encontrava o Bruce Nauman, na performance prometida com a Luísa Cunha, o Fernando Ribeiro destruía frascos de perfume oferecidos pela Perfumes & Companhia».

telma.miguel@sol.pt

